

REPRESENTAÇÕES DO PAPEL INTELECTUAL: UMA ANÁLISE DE “A VIDA DE GALILEU” DE BERTOLT BRECHT

RENATO FLORÊNCIO PAVANELLI ORTEGA¹

Introdução

O século XX é um período de grandes inovações tecnológicas, descobertas científicas, avanços na saúde e também um espaço de várias experiências sociais em todo o mundo. Frente a esse panorama existe vários agentes responsáveis pela difusão e construção desse século de inovações e experiências, porém existe um em particular que nos interessa, o intelectual.

É pensando nesse agente por meio da perspectiva artística que este trabalho pretende discutir e dialogar sobre o seu papel e desdobramentos diante do processo de introdução da ciência na vida social.

Por meio da obra de teatro *A Vida de Galileu* de Bertolt Brecht, produzida em 1938-9 em seu exílio na Dinamarca e que contém 15 atos e 48 personagens, que pensaremos a formação do intelectual e sua função no século XX, mais precisamente no período da Segunda Guerra Mundial, em que o enredo da peça dialoga.

Em linhas gerais, o tema que perpassa essa obra foi desenvolvido sobre um tempo que nunca seria esquecido pela humanidade. Tempos conturbados foram protagonizados por muitos atores das grandes guerras e dos genocídios, da crise econômica e da miséria que se faz presente em vários aspectos da sociedade. Entre um curto período de tempo, a humanidade percebeu várias mudanças sociais e tecnológicas; agravantes deliberadamente ocasionados para sustentar discursos autoritários que reservavam apenas a dúvida sobre o caminho que o homem estava tomando.

Para que tenhamos melhor visão sobre este período em que vamos pensar o intelectual, o historiador Rodrigo de Freitas Costa apresenta o contexto de:

¹ Graduando do Departamento de História na Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Prof. Dr. Rodrigo de Freitas Costa do Departamento de História na Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Primeira Guerra Mundial, os desdobramentos autoritários da Revolução Russa, a depressão econômica de 1929, a ascensão nazista na Alemanha e o fascismo italiano, a Segunda Guerra Mundial, o pacto de não agressão Hitler-Stálin, a polarização do mundo entre Estados Unidos e União Soviética, o machartismo norte-americano, entre outros eventos. (COSTA, 2012: 16)

Desta pequena explanação sobre o ambiente em que foi escrita a obra, podemos imaginar as preocupações do autor com seu tempo. Para onde essa ciência esta nos levando? Que fins ela procura? Quais os interesses de se produzir ciência? Durante todo o enredo, o dramaturgo nos questiona e leva-nos a refletir sobre o papel do personagem diante de descobertas e suas aplicações diretas na sociedade, logo, apresenta também a reação da sociedade sobre o intelectual e suas pesquisas.

O intelectual da obra é Galileu, um cientista renomado e de grande peso para a física, assim como para a astronomia do século XVI e XVII. Grandes avanços científicos foram determinados pelas penadas que Galileu gastou em seus vários livros e cartas dirigidas aos grandes pensadores da época. A obra vem discutir a vida da personagem Galileu sobre os olhos do século XX, onde são postas várias questões sociais, políticas, econômicas e culturais como nos apresentou Costa.

As representações de Galileu Galilei: o intelectual de Brecht

De uma forma geral, Antonio Gramsci define o intelectual como sendo fruto de uma divisão do trabalho, ou seja, ao longo da baixa Idade Média o trabalho foi sendo transformado em especialidades e com o advento do processo industrial e a urbanização, houve um aumento considerável do número de intelectuais.

Sendo assim, Gramsci nos mostra que todo homem é um intelectual, porém nem todo homem exerce tal papel na sociedade. Esse é o ponto central para nossa discussão, o homem que, no sentido mais literal da palavra intelectual, pensa sobre e para a sociedade. (GRAMSCI, 2004: 18)

Na visão do pensador italiano, existem duas categorias de intelectuais: os orgânicos e os tradicionais. O primeiro é definido como os intelectuais criados a partir do mundo da produção, ou seja, do Capitalismo, pois, tal estrutura social favorece a fragmentação do conhecimento, isto é, a especialização do trabalho. Toda empresa gera especializações; a cada

novo tipo de serviço criado no mundo da produção, haverá novas especializações e consequentemente novos intelectuais.

Por último, os tradicionais são:

Todo grupo social “essencial”, contudo, emergindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura, encontrou – pelo menos na história que se desenrolou até nossos dias – categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não foi interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas. (GRAMSCI, 2004: 16)

Como exemplo dessa última categoria esta o clérigo, sujeito que sobreviveu a mudança de estrutura econômica, cultural e social, mantendo-se unido, num “‘espírito de grupo’ que por sua vez foi interrompida a continuidade histórica e sua ‘qualificação’, eles se põem a si mesmos como autônomos e independentes do grupo social dominante. [...]” (GRAMSCI, 2004: 17)

Para o inglês Edward Said, Gramsci consegue observar e se aproximar mais do tipo de intelectual que a sociedade produziu e desenvolveu. Entretanto não foi a única concepção desenvolvida. Said Apresenta Julien Benda e sua definição de intelectual.

Na ótica de Benda, o intelectual é um grupo mais seletivo, que extremamente notório constitui a consciência da humanidade. Seus exemplos são: Jesus Cristo, Voltaire, Sócrates, entre outros. Os intelectuais de Benda, estão, não apenas, movidos de objetivos práticos ou por metafísica, como também dispostos a correr o risco por suas palavras e denúncias. Said afirma que para Benda: “[...] Os verdadeiros intelectuais constituem uma clerezia, são criaturas de fato muito raras, uma vez que defendem padrões eternos de verdade e justiça que não são precisamente deste mundo. [...]” (SAID, 2005. p 21)

É deste ponto que introduzimos o discurso e perspectiva de Bertolt Brecht sobre o intelectual. Vindo em contra mão ao pensamento de Benda, Brecht apresenta um Galileu no enredo que por mais que tenta provar ao mundo suas ideias, não se furta do direito e prazer de sua vida.

Na passagem final da obra *A vida de Galileu*, em que o personagem é inquerido pela Igreja Católica, que na peça é percebido por uma metáfora para com os governos totalitários presentes no século XX, Galileu apresenta os motivos verdadeiros da abjuração,

demonstrando justamente o contrário da conclusão de Benda sobre o intelectual ser um homem disposto a morrer por suas ideias e pensamentos.

GALILEU

Eu abjurei porque tive medo da dor física!²

E em seguida, diz:

GALILEU

Eles me mostraram os instrumentos.³

O que percebemos é que Brecht passa a imagem de um intelectual que é ao mesmo tempo composto por características que Gramsci observou e pela particular característica de defender suas ideias a ponto de colocar sua vida em risco mas não de perdê-la, sendo essa atitude Galileu um reflexo do ambiente e tempo de incertezas e imprevisibilidade em que escreve o dramaturgo.

Todo intelectual afim de constituir pensamentos e observações que vá contra a ordem vigente esta correndo risco de vida no século XX. O teatrólogo alemão foi um desses homens que teve de se retirar do seu país de origem pois estava colocando em risco sua vida e de sua família.

Para Brecht o intelectual representado por Galileu é um homem que pensa, reflete e desenvolve teorias e defende elas, porém é feito de carne, ou seja, tem medo e percebe, diante da escolha, que viver e continuar pensando sobre a sociedade e suas ideias, é melhor do que morrer e ver suas ideias serem um reflexo do que poderia diante da continuidade histórica, isto é, disposta a contribuir com a sociedade ou ajudá-la a analisar seu tempo.

Uma outra contribuição dessa obra e a última que iremos tratar, é a mensagem que o intelectual ou no caso Galileu Galilei passa ou tenta passar para a sociedade e seu tempo.

Acredita Said que o foco do problema:

² Citação merece ser retirada do corpo do texto para preservar a forma utilizado pelo autor e para dar melhor sentido no entendimento do texto. Por isso a preferência em colocar a referência neste espaço. (BRECHT, 1971: 222)

³ Ibidem

(...) é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também) um público. (SAID, 2005: 25)

E completa: “[...] O objetivo da atividade intelectual é promover a liberdade humana e o conhecimento.” (SAID, 2005: 31) Para o autor, um intelectual é todo aquele que em suas qualificações profissionais transmite para um público um parecer, uma reflexão e literalmente uma mensagem que pretende falar a verdade a toda forma de poder e *promover a liberdade do homem e do conhecimento*.

A mensagem que Galileu, representantes dos intelectuais do século XX, deixa para a sociedade é um anúncio e uma advertência sobre os caminhos e alternativas que o homem estava colocando a humanidade sobre alicerces científicos e mercantis. Ele apresenta os erros que tal sociedade estava cometendo e o que o próprio homem estava se tornando.

GALILEU

Em minhas horas de lazer, que são muitas, repassei o meu caso, e pensei sobre o juízo que o mundo da ciência – de que eu mesmo não me considero mais parte – deverá fazer a respeito. Mesmo um mercador de lã, afora comprar barato e vender caro, tem que pensar que o comércio de lã corra sem empecilhos. A prática da ciência me parece exigir notável coragem, desse ponto de vista. Ela negocia com o saber obtido através da dúvida. Arranjando saber, a respeito de tudo e para todos, ela procura fazer com que todos duvidem. [...] O nosso recurso novo, a dúvida, encantou o grande público, que arrancou o telescópio de nossas mãos para apontá-lo para seus carrascos. Estes homens egoístas e violentos, que haviam se aproveitado avidamente dos frutos da ciência, logo sentiram que o olho frio da ciência pousara numa miséria milenar, mas artificial, que obviamente poderia ser eliminada, através da eliminação deles. Eles nos cobriram de ameaças e de ofertas de suborno, irresistíveis para almas fracas. Entretanto, seremos ainda cientistas se nos desligarmos da multidão? [...] Vocês trabalham para quê? Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a canseira da existência humana. E se os cientistas, intimidados pela prepotência dos poderosos, acham que basta amontoar saber, por amor ao saber, a ciência pode ser transformada em aleijão, e as novas máquinas serão novas aflições, nada mais. Com o tempo, é possível que vocês descubram tudo o que haja por descobrir, e ainda assim o seu avanço há de ser apenas um avanço para longe da humanidade.⁴

Ora, não é isso que ocorre cotidianamente em nosso tempo? A máquina se tornou nossas *aflições*, não só no sentido simples de dependência perante a *canseira*, mas diante da terrível proporção que ela trouxe nas guerras. O tempo de nosso dramaturgo é exemplo do

⁴ Citação merece ser retirada do corpo do texto para preservar a forma utilizado pelo dramaturgo e para dar melhor sentido no entendimento do texto da obra. Por isso a preferência em colocar a referência neste espaço. (BRECHT, 1971: 223-224)

impacto da ciência como recurso bélico, assim como os poucos sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki.

A ciência como, muito bem coloca Galileu e aproveitando para demonstrar o tipo de mensagem que o intelectual exerce na sociedade, levou o cientista ou o intelectual segundo Gramsci a desviar o caminho do encontro da humanidade e que agora aponta para a sua própria destruição.

Se o intuito do intelectual era, como acredita Said, *a liberdade humana e o conhecimento*, conclui-se, que agora esta levando a sociedade ser dominada pelo conhecimento e por quem detém tal conhecimento. Pois como esclarece Galileu, os intelectuais temem e não resistem *aos poderosos*.

Numa reflexão mais atual sobre o assunto, porém sem deixar de tirar os pés do século XX, Russell Jacoby aponta algumas características, que este trabalha vai só vai se deter a duas: a ausência de uma geração de intelectuais e o que veio a se transformar esse grupo, pensando o que Galileu nos apresentou como distanciamento da *multidão*.

A transformação das relações de poder ao longo do século XX e principalmente ao intenso movimento de instituições que julgam a “esfera pública”, como revistas, jornais, jornalistas, TV, demonstra Jacoby, que confundiram “brilho com substância e (...) com relevância intelectual” (JACOBY, 1990: 18)

Outra questão posta pelo pensador é a expansão das universidades por todo o mundo e a profissionalização do intelectual como acadêmico e, conclui este trabalho que é o que Galileu coloca como *amontoar saber, por amor ao saber* e agora como profissão. Ou seja:

O resultado é que o intelectual hoje é muito provavelmente um professor de literatura confinado, com uma renda segura, sem nenhum interesse em lidar com o mundo fora da sala de aula. (...) escrevem uma prosa esotérica e bizarra, dirigida principalmente para a produção acadêmica e não para a mudança social. (SAID, 2005:76)

Completando Said, Jacoby diz:

[...] A vida do intelectual, que inclui livros, artigos, periódicos, conferências, discussões públicas, talvez ensino universitário, obviamente encontra-se sujeita ao mercado e às forças políticas, mas não pode ser reduzida a elas.[..] (JACOBY, 1990:18)

Uma crítica sobre os intelectuais atuais é a produção de teorias, métodos e resultados que não tem vínculo ou a pretensão de se tornarem audiência de um público maior do que o seu especializado, ou seja, a preocupação dos intelectuais atuais é a proposital produção e diálogo com o seu grupo, pessoas que atuam na mesma área. Em contra mão a isso, Jacoby aponta o seguinte: “[...] Os grandes pensadores, de Galileu a Freud, não se contentaram com as descobertas sólidas; eles buscaram, e encontraram, um público. [...]” (JACOBY, 1990:18)

E completa:

[...] Um ‘famoso’ sociólogo ou historiador de arte é famoso para outros sociólogos ou para outros historiadores de arte, ninguém mais. À medida que se tornavam acadêmicos, os intelectuais não tinham a necessidade de escrever de modo compreensível a um público leigo; não o fizeram, e acabaram perdendo a capacidade de fazê-lo. (JACOBY, 1990:20)

Considerações finais

Entende-se, por meio dessas reflexões apresentadas por vários pensadores do assunto e com a contribuição do enredo de *A Vida de Galileu* de Brecht, que a principal condição, apontada por Galileu, que foi a submissão da ciência aos *poderosos* e os *subornos*, ou seja a corrupção do homem diante do conhecimento causou esse afastamento da humanidade.

A maior contribuição da ciência é para com a sociedade e ao invés disso, os intelectuais estavam se integrando aos subornos. Coloca-se a importância do papel do intelectual, que Said bem coloca, a atitude de dizer a todo e qualquer forma de poder a verdade, mas o mesmo aponta que o intelectual deve ser um marginal, para que haja vantagem sobre o ponto de vista. Isto é,

[...] significa observar as situações como contingentes e não como inevitáveis, encará-las enquanto resultado de uma série de escolhas históricas feitas por homens e mulheres, como fatos da sociedade construídas por seres humanos e não como naturais ou ditadas por Deus e, por consequência, imutáveis, permanentes, irreversíveis. (SAID, 2005:68)

Como percebemos o papel do intelectual veio se modificando e adaptando as novas concepções sociais. Talvez a maior contribuição deste trabalho ou reflexão tenha sido pensar novamente, assim como muitos já o fizeram, o caminho que a sociedade esta tomando ou

tomou com questionamentos superficiais com pouca disseminação pública, linguagem social e muito pontuais.

O que entende-se, é que o intelectual foi substituído nas salas de aula e na sociedade por técnicos que estão atrás de ansiosos processos seletivos em universidade, agências de fomento e credenciamentos acadêmicos com o intuito de ser melhor qualificado e melhor remunerado. Não existe problema nessas duas últimas colocações, porém o papel do intelectual deve ir de encontro com a sociedade e não se tornar restrito as instituições que muitas vezes estão funcionando de acordo com o poder vigente. O que leva, por fim, ao que Galileu aponta, o suborno como arma do poder dominante para com o intelectual.

Referências:

BRECHT, Bertolt. **A vida de Galileu**. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1977

COSTA, Rodrigo de Freitas. **Brecht nossa contemporâneo? O engajamento como prático intelectual e como opção artística da Companhia do Latão**. 2012. 305f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 (1932): Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: **Cadernos do Cárcere**. Volumes 1, 2, 3, 4, 5, 6. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

JACOBY, Russel. **Os últimos intelectuais**. A cultura americana na era da Academia. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Trajetória Cultural: Edusp, 1990.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as conferências Reith de 1993. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.